

# O LEOPARDO, A GIRAFA E O ELEFANTE

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



**P**assa-se na selva a história que vou contar. Nela entram três personagens principais, o leopardo, a girafa e o elefante, mas a mim apetece-me mais começar pelos macacos.

Empoleirados nas árvores, os macacos ocupam o dia a troçar da vizinhança, isto é, dos restantes bichos da selva.

– Do elefante é que não há nada a declarar – diz uma macaca velha, fazendo um trejeito malicioso.

Começam todos os macacos numa grande algazarra:

- É trombudo.
- Patudo.
- Orelhudo.
- É pesadão.

- Molengão.
- Paspalhão.
- Mas é bom, um bonzão – concluiu a macaca velha.

Nisto estão todos de acordo. O elefante pode não ser bonito, segundo as normas de beleza dos macacos, mas não molesta ninguém. Essa é que é essa.

– Vê-lo a ele muito gordalhufo, ao lado da espirra-canivetes da girafa, dá-me cá uma vontade de rir...  
– e o chimpanzé que isto diz ri-se, mostrando os dentes amarelos.

– Protege-a, desde pequena. Os pais da girafa foram apanhados numa cilada de caçadores e ele tomou-a à sua conta. Dizem que tem feito muito por ela – explica outro macaco.

Divertido com a conversa, um saguim intervém:

– Quem não deve gostar nada dessa amizade é o velho leopardo malhado e pelado. Se não fosse o medo que ele tem ao elefante, já a girafa, a estas horas, era um monte de ossos para os chacais roerem...

Nestas e noutras conversas gasta a macacaria o seu tempo. Depois digam que são os papagaios os palradores...

Na verdade, há muito que o leopardo espiava a girafa e o elefante.

De uma vez que viu a girafa no riacho, junto à cascata, a tomar banho, enquanto o elefante, perto da margem, cabeceava de sono, o leopardo aproximou-se dele e falou assim:

– Ah, meu amigo! O seu bom coração quase pesa tanto como o seu corpo todo. A girafa deve-lhe tudo. O meu amigo amparou-lhe os primeiros passos, abrigou-a, acarinhou-a e, graças a si, ela fez-se a linda girafa, que

ambos contemplamos, enternecidos. Belo exemplo, meu amigo, para toda essa bicharia perversa.

Isto declamava, numa voz comovida, o leopardo. Para fazerem uma ideia, basta que vos diga que a cada vírgula corresponde um soluço. Farsante!

– Só é de lamentar que não saiba agradecer os seus sacrifícios com idêntica generosidade... – sussurrou o leopardo.

Neste passo da conversa, o elefante, que tudo ouvira sem manifestar grande interesse, levantou a tromba em ponto de interrogação:

– Que quer dizer? Fale com mais clareza, criatura.

Deu dois passos em frente o leopardo e segredou:

– Andam para aí a murmurar...

E o leopardo tentou convencer o elefante, por meias palavras, de que a girafa, nas suas costas, o tratava por "paquiderme", palavra muito ofensiva entre os elefantes.

– Não acredito.

Acreditasse ou não, o elefante nunca mais voltou a correr ao lado da girafa. Certo era que ela também deixara de correr. Sem a companhia do seu amigo de sempre, que graça tinham as correrias?

Isto constou na selva e espicçou a curiosidade dos macacos, de tal forma que resolveram mandar um emissário convocar os dois amigos desunidos, a fim de tirar mais informações.

– Vejo-os muito tristes e cada um para seu lado – disse o macaco emissário, assim que os juntou. – Que se passa?

A girafa, coitada dela, não sabia. Muito amuado, o elefante acabou por confessar:

– Calcula que, nas minhas costas, andam a chamar-me "paquiderme" – e olhou de lado para a girafa.

O macaco não ficou espantado:

– Bem sei. Do leopardo tudo se deve esperar...

– Do leopardo? – estranhou o elefante.

– Pois claro. O leopardo, de há uns tempos para cá, tem vindo a espalhar que o nosso estimável amigo elefante é um "paquiderme" da pior espécie e que, por esse motivo, a girafa já cortou relações consigo – explicou o macaco.

– Eu nem sei o que é um "paquiderme" – disse a inocente girafa.

Estava desfeito o engano e esclarecidos os escondidos intentos do leopardo intriguista.

– Vou dar-lhe uma lição – exclamou o elefante, escavando com as patas na terra e chicoteando o ar com a robusta tromba . – Faça constar entre os macacos e a restante bicharada que, realmente, eu e a girafa nos desentendemos de vez e que cada um foi para seu lado.

Estava o leopardo a afiar as garras, quando ouviu o que na selva se contava.

– Desta (retirar "vez") não escapas, girafinha! – assobiou ele, de bigodes eriçados.

Ele é que não escapou, ai não, porque a cólera do elefante, animal paciente até onde se pode ser, não perdoa. Lançado a muitos quilómetros de distância, o leopardo não ganhou para o susto nem para os curativos.

De aí em diante passou a andar sempre sozinho e nunca sai senão de noite, quando os elefantes dormem.

FIM